

11. Da magia à modernidade: a missionariedade religiosa e o desenvolvimento de Araputanga sob o legado do monsenhor Ermínio Celso Duca

Jefferson Antonione Rodrigues⁴⁴

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão sobre o legado da atuação missionária do Monseñor Ermínio Celso Duca em Araputanga-MT, compreendendo sua contribuição não apenas como agente religioso, mas também como catalisador de desenvolvimento social e cultural. A pesquisa tem como objetivo analisar como a missionariedade de Duca articulou a religiosidade popular – permeada por elementos mágicos e simbólicos – com os processos de modernização da cidade. Metodologicamente, a investigação se apoia em fontes históricas, relatos orais, documentos e bibliografia especializada em religião, magia e modernidade. A análise é guiada por uma perspectiva qualitativa e interdisciplinar, envolvendo história, antropologia da religião e sociologia. A justificativa para este estudo reside na necessidade de valorizar o papel da religiosidade local como força estruturante de identidade e progresso, além de contribuir para o registro histórico da região. O Monsenhor Duca é compreendido como figura liminar, que transita entre o sagrado e o profano, entre a tradição e a transformação. Através de sua atuação, Araputanga vivenciou um processo de eclosão religiosa que ultrapassou os limites do templo, influenciando profundamente a educação, a saúde, o urbanismo e a coesão comunitária. O estudo destaca como o sagrado, quando incorporado à prática social, torna-se vetor de mudanças concretas.

Palavras-chave: Monsenhor Ermínio Celso Duca; Araputanga; Missionariedade e magia.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
1 de maio de 2024	5 de setembro de 2024

⁴⁴ Doutorando em Ciências Ambientais junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres-MT, mestre em Teoria do Direito e do Estado, pelo Univem, Marília-SP, mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Nacional, especialista em Direito Ambiental Urbano, Direito Penal e Processual Penal, Direito Médico e Hospitalar, Direito Internacional, Justiça Restaurativa e Mediação de Conflitos, Direito Agrário, Agronegócio, Segurança do Trabalho, Gestão e Coordenação Escolar. Membro do corpo docente da Faculdade Católica Rainha da Paz – FCARP, Araputanga-MT, coordenador do curso de Gestão do Agronegócio na mesma IES e líder do Grupo de Pesquisas “Direito, Historiografia e Cultura Brasileira”. E-mail: drjeffersonrodrigues@gaill.com.

FROM MAGIC TO MODERNITY: RELIGIOUS MISSIONARITY AND THE DEVELOPMENT OF ARAPUTANGA UNDER THE LEGACY OF MONSIGNOR ERMINIO CELSO DUCA

ABSTRACT: This article proposes a reflection on the legacy of the missionary work of Monsignor Ermínio Celso Duca in Araputanga-MT, understanding his contribution not only as a religious agent, but also as a catalyst for social and cultural development. The research aims to analyze how Duca's missionary work articulated popular religiosity – permeated by magical and symbolic elements – with the processes of modernization of the city. Methodologically, the investigation is based on historical sources, oral accounts, documents and bibliography specialized in religion, magic and modernity. The analysis is guided by a qualitative and interdisciplinary perspective, involving history, anthropology of religion and sociology. The justification for this study lies in the need to value the role of local religiosity as a structuring force of identity and progress, in addition to contributing to the historical record of the region. Monsignor Duca is understood as a liminal figure, who moves between the sacred and the profane, between tradition and transformation. Through its work, Araputanga experienced a process of religious outburst that went beyond the confines of the temple, profoundly influencing education, health, urban planning and community cohesion. The study highlights how the sacred, when incorporated into social practice, becomes a vector for concrete changes.

Keywords: Monsignor Ermínio Celso Duca; Araputanga; Missionary work and magic.

Introdução

Evangelifação é o anúncio a boa nova de que Deus
está interessado na restauração dos seres humanos caídos
e que a restauração se dá mediante a fé na encarnação,
na vida e na obra substitutiva, justificatória,
vicária e representativa de Jesus na cruz e sua ressurreição.

Caio Fábio d'Araújo Filho

A história de Araputanga-MT é marcada por um entrelaçamento profundo entre fé, religiosidade popular e construção social, tendo como figura central o Monsenhor Ermínio Celso Duca. Sua atuação transcendeu a esfera religiosa e eclesial, moldando também os contornos políticos, culturais e institucionais da cidade. Desde sua chegada, Duca transformou-se não apenas em líder espiritual, mas em referência ética e articulador de redes sociais e comunitárias, promovendo uma jornada de evangelização, solidariedade e

progresso. Seu percurso expressa com nitidez como a Igreja Católica, através de sua presença institucional e missionária, exerceu papel central na formação de cidades do interior brasileiro, agindo como força moral, educativa e organizadora da vida coletiva.

A presença da Igreja em Araputanga, por meio da atuação persistente e dedicada do Monsenhor Duca, deu origem a uma verdadeira jornada de fé e religiosidade. Essa caminhada foi marcada por ritos, festas, peregrinações e práticas devocionais que configuraram um *ethos* comunitário centrado em valores cristãos. Em especial, destaca-se a intensa devoção à Nossa Senhora, cuja figura materna e protetora inspirou não apenas manifestações religiosas, mas também projetos sociais, culturais e educativos. A religiosidade local encontrou em Duca um pastor que compreendia profundamente o valor simbólico e transformador da fé vivida – aquela que, como afirma Geertz (1989, p. 141), “organiza o mundo em torno de significados poderosos que orientam a conduta e as emoções humanas”.

Este artigo tem como objetivo central analisar o legado do Monsenhor Ermínio Celso Duca sob a ótica da missionariedade religiosa como força simbólica e operativa de progresso social, com especial atenção à maneira como sua atuação articulou elementos da fé popular (muitas vezes associados ao mágico e ao simbólico) com projetos concretos de desenvolvimento comunitário. A justificativa da pesquisa repousa na necessidade de registrar e interpretar experiências históricas em que a religião – mais do que um conjunto de doutrinas – aparece como prática viva, promotora de cidadania, identidade e transformação. A trajetória de Duca é, nesse sentido, também a própria narrativa da construção política e religiosa de Araputanga, pois sua liderança espiritual converteu-se, ao longo do tempo, em pilar de organização social e mobilização local.

A metodologia adotada é qualitativa e interdisciplinar, com base em análise documental, entrevistas orais e bibliografia especializada. O estudo dialoga com contribuições da história cultural, da antropologia da religião e da sociologia da memória. Autores como Bosi (1994), Geertz (1989), Campos (2007) e Magnani (2000) fundamentam a análise, permitindo compreender como a fé e a memória coletiva moldam estruturas simbólicas e práticas de vida. Bosi (1994), por exemplo, afirma que a memória “não é apenas evocação do passado, mas alicerce da ação presente”, o que justifica o foco na trajetória de Duca como um símbolo que ainda orienta a comunidade.

O artigo organiza-se em três seções principais. A primeira, “Magia, Fé Popular e o Sagrado em Movimento”, explora as expressões religiosas locais, como promessas, festas, devoções e bênçãos, e como o Monsenhor integrou essas práticas ao trabalho pastoral. A segunda, “A Missionariedade como Projeto Civilizatório”, investiga as obras sociais, educacionais e urbanas impulsionadas por Duca, demonstrando que sua missão religiosa também foi um projeto de civilização. A terceira, “A Eclosão Religiosa e Suas Potencialidades em Araputanga”, analisa o florescimento de movimentos pastorais, lideranças leigas e a consolidação da religiosidade como força comunitária e política.

Ao traçar este percurso, o presente artigo busca lançar luz sobre uma experiência singular de evangelização e desenvolvimento, apresentando a figura do Monsenhor Duca como expressão máxima da união entre espiritualidade, resistência e compromisso social. Convidamos o leitor a caminhar conosco por essa narrativa viva, marcada por fé, persistência e devoção – elementos que continuam a moldar o presente e o futuro de Araputanga.

Magia, Fé popular e o Sagrado em movimento

A religiosidade popular em Araputanga-MT constituiu, desde as primeiras décadas de formação da cidade, um espaço vivo de resistência cultural, expressão simbólica e organização social. Influenciada por tradições orais, práticas devocionais, romarias, promessas e festas religiosas, essa religiosidade se desenvolveu em diálogo com a cultura local, sendo acolhida e reconfigurada pela atuação pastoral do Monsenhor Ermínio Celso Duca, nascido em 24 de novembro de 1928, em Talamona, província de Sondrio, no Norte da Itália, e ordenado sacerdote em 12 de junho de 1954.

Pe. Celso, como era conhecido, iniciou o trabalho de evangelização no Brasil na Diocese de São Mateus, na cidade de Montanha, no Estado do Espírito Santo. Posteriormente, recebeu a ordem vocacionada missionária a ser cumprida em Araputanga-MT, em 1975.

Em 23 de março de 1975, a coragem e o espírito empreendedor batiam às portas das longínquas terras do rincão do estado de Mato Grosso – Araputanga. Era o início de uma grande mudança, era chegado o operário do senhor para uma grande missão que a partir de então faria o progresso da

tão pequena Araputanga. Era a chegada do jovem Pe. Celso, com o objetivo de coordenar e estruturar a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. (Rodrigues e Silva, 2012, p. 31).

A fé popular que floresceu em Araputanga continha elementos que, aos olhos da teologia institucional, poderiam ser classificados como “mágicos”, como bênçãos de objetos, benzimentos, curas e exorcismos. No entanto, tais práticas não eram meramente supersticiosas, mas representavam formas legítimas de busca por sentido, proteção e bem-estar. Duca, ciente da força dessas manifestações, adotou uma postura pastoral aberta ao diálogo com o sagrado popular. Ao invés de reprimir, ele canalizou essas expressões em direção à comunhão, à catequese e à promoção da dignidade humana. Segundo Magnani (2000), a fronteira entre o sagrado e o profano, entre o dogmático e o mágico, é porosa na cultura religiosa brasileira:

O campo religioso popular é um lugar de transições e ambiguidades. Nele convivem santos e orixás, promessas e simpatias, liturgias e ritos informais, compondo uma paisagem onde o sagrado circula com fluidez e intensidade, dialogando com a vida cotidiana (Magnani, 2000, p. 45).

O Monsenhor Duca soube interpretar esse campo simbólico, respeitando a diversidade de expressões e valorizando os significados afetivos e sociais da fé popular. A devoção a Nossa Senhora, por exemplo, era central nesse imaginário. As novenas, as procissões e os pedidos à Virgem Maria não apenas preenchiam o calendário litúrgico, mas também organizavam o tempo comunitário, criando uma estrutura espiritual de pertença.

Em singelo espaço temporal, Pe. Celso, com muito fervor e zelo pela palavra do senhor, passou a visitar as comunidades desde as mais próximas até as mais longínquas, locomovendo-se a pé, de bicicleta e a cavalo, fazendo o trabalho pastoral: confessando, aconselhando e celebrando a Santa Eucaristia. Várias eram as comunidades atendidas por nosso padre, dentre elas destacamos: Cachoeirinha; Farinópolis; Indiavaí; Santa Cecília; São João; Taboca; Nova Floresta; Sereno; Santa Maria; Dracena; Alto Jauru; Santa Rosa; Córrego Grande; Rio Bugre; Córrego do Meio; Queixada; Fazenda São Miguel; Água Clara; Assentamento Santa Rosa;

Assentamento São Benedito; Assentamento Barro Preto; Assentamento Barreirão; Assentamento Imbé; Assentamento Floresta; Boa Vista; Barra da Água Clara; Córrego Rico; Córrego do Café; Córrego São José; Comunidade São Mateus do Bugre; Estrela do Mar; Monterlândia; Nossa Senhora Aparecida; Pitomba; Rio Vermelho; Santa Luzia; Sumaúma; Sagrado Coração de Jesus; Santo Antônio das Pitas; Santa Terezinha; Vila Maria; e, os bairros Araputanga: São Sebastião, Santo Antônio, São José, São Miguel e São Luiz (Rodrigues e Silva, 2012, p. 33).

Campos (2007) observa que, no interior brasileiro, a missionariedade católica frequentemente incorpora elementos da religiosidade popular como estratégia de aproximação cultural e evangelização:

A adaptação das práticas pastorais à religiosidade popular não significa condescendência, mas sensibilidade ao universo simbólico do povo. A missão se fortalece quando o evangelho encontra expressão nos códigos culturais da comunidade (Campos, 2007, p. 92).

Dessa forma, a ação do Monsenhor Duca deve ser compreendida como uma mediação entre o cristianismo institucional e a fé popular viva. Sua presença nas festas religiosas, nas missas campais, nos batizados coletivos e nos atendimentos pessoais reforçava um modelo de Igreja encarnada na realidade local. Essa presença pastoral contínua e acessível gerou confiança, reconhecimento e reciprocidade – estabelecendo um vínculo afetivo e espiritual entre o povo e a figura do líder religioso.

A precariedade era tamanha que Pe. Celso e D. Maria Lina confeccionaram o primeiro sacrário da paróquia com uma caixa de papelão e papel laminado. Após a celebração de sua chegada fora-lhe oferecido um almoço na chácara do Sr. Sebastião Felipe da Silva e D. Maria Lina da Silva. Algumas senhoras promoveram o chá de casa nova, para aquisição dos utensílios domésticos e móveis básicos para confortarem o recém-chegado padre (Rodrigues e Silva, 2012, p. 32).

A construção do sagrado em Araputanga ocorreu, assim, em movimento: integrando símbolos, práticas e ritos diversos em uma vivência co-

munitária que reconhecia o sagrado tanto nas celebrações quanto nos pequenos gestos cotidianos. Como observa Geertz (1989), a religião fornece modelos para a realidade social: “A religião não apenas reflete uma visão de mundo, mas fornece um modelo para a realidade. Ela confere forma e legitimidade às ações humanas ao envolver as emoções em sistemas simbólicos” (idem, p. 150).

Pe. Celso contava com o apoio de pessoas de boa vontade que lhe ofereciam refeições em suas casas; suas roupas eram lavadas por senhoras que faziam caridade, somando-se a outras que colaboravam na organização da casa. O desenvolvimento do labor missionário era tamanho que surgiu a necessidade de contratar uma funcionária para auxílio nos trabalhos domésticos e móveis básicos para confortarem o recém-chegado padre (idem).

Com isso, entende-se que o sagrado, em Araputanga, não estava restrito ao templo. Ele circulava nas casas, nas lavouras, nas escolas e nas praças, materializando-se em rezas, bênçãos, gestos de solidariedade e na força da memória coletiva. A religiosidade, com sua carga simbólica e afetiva, foi mobilizada como força de coesão, consolo e esperança – e o Monsenhor Duca foi, ao longo de décadas, o canal principal por onde essa energia sagrada fluía e ganhava forma.

A missionariedade como projeto civilizatório

“O que vale na vida não é o ponto de partida
e sim a caminhada. Caminhando e
semeando no fim terás o que colher.”

Cora Coralina

A ação missionária do Monsenhor Ermínio Celso Duca em Araputanga não se limitou ao campo da evangelização tradicional ou ao ministério litúrgico. Ela se consolidou como um verdadeiro projeto civilizatório, capaz de integrar fé, desenvolvimento e cidadania. O Monsenhor compreendia que o anúncio do Evangelho não poderia ser desvinculado das condições concretas de vida da população. Assim, sua missão pastoral foi, também, uma

missão social: articulou ações que abrangeram educação, saúde, moradia, saneamento básico, formação política e promoção da dignidade humana.

Neste sentido, cabe ressaltar que nessa missão para com a sociedade Pe. Celso desenvolveu e impulsionou até os seus últimos dias de vida uma centena de obras, dentre as quais destacam-se com maior zelo: Osca – Obras Sociais de Araputanga, sem fins lucrativos, era uma Gráfica; Coopnoroeste – Cooperativa Agropecuária do Noroeste Matogrossense (1975); Escola Pe. José de Anchieta (1985); Sicredi – Cooperativa de Crédito Rural do Noroeste de Mato Grosso (1989); Fundação Arco-Íris de Araputanga (1993); Rádio Difusora Arco-Íris (1989); Faculdade Católica Rainha da Paz (1999); e, Mosteiro Nossa Senhora das Alegrias (2010).

Esse modelo de missão pastoral encontra respaldo na tradição católica, especialmente na concepção pós-conciliar de uma Igreja em saída, voltada ao mundo e aos desafios sociais. Porém, no contexto específico de Araputanga, o projeto civilizatório do Monsenhor se destacou pela capacidade de mobilizar recursos humanos e simbólicos da própria comunidade, integrando fé e ação em prol do bem comum. Como observa Campos (2007):

A missão católica no interior do Brasil frequentemente assumiu o papel de agente civilizador, promovendo não apenas a evangelização, mas também a introdução de normas de convivência, estrutura educacional e assistência social. O padre não era apenas o sacerdote, mas o articulador de uma nova ordem social. (Campos, 2007, p. 104).

A atuação do Monsenhor Duca na fundação de escolas, creches, centros comunitários e unidades de saúde revela essa dimensão prática da evangelização. Ele foi o idealizador de diversas obras que ainda hoje constituem pilares da infraestrutura pública e social de Araputanga. O incentivo à educação, por exemplo, expressava sua compreensão de que o saber é também instrumento de libertação e de justiça. O mesmo se aplica à sua atenção às famílias em situação de vulnerabilidade: era comum que ele mobilizasse doações, mutirões e redes de apoio em favor de pessoas pobres e doentes, inspirando um senso coletivo de responsabilidade cristã.

A presença ativa da Igreja na política local, por meio de valores éticos e ações sociais, também foi parte da missão do Monsenhor. Sua autoridade moral fazia com que ele influenciasse decisões administrativas, participasse

de conselhos e fosse frequentemente consultado por lideranças civis. No entanto, essa influência nunca se confundia com partidarismo: ela se expressava como compromisso com os princípios da justiça, da paz e do bem comum.

Geertz (1989) oferece uma chave interpretativa para esse tipo de atuação ao afirmar que a religião fornece não apenas consolo, mas também orientação prática e legitimidade moral para a ação social:

A religião, ao estabelecer modelos de conduta enraizados em concepções de realidade última, opera como fundamento moral e organizacional de sociedades complexas. Ela não apenas orienta, mas legitima formas de organização social (Geertz, 1989, p. 151).

Assim, a prática missionária do Monsenhor Duca ultrapassou a doutrina e tornou-se pedagogia social e projeto político de base comunitária, refletindo a lógica de um cristianismo encarnado nas lutas e esperanças do povo. Nesse processo, sua perseverança e capacidade de diálogo foram fundamentais para articular diferentes setores da sociedade: agricultores, professores, comerciantes, lideranças indígenas, jovens e idosos encontravam na Igreja um espaço de escuta e participação.

O padre Celso é uma pessoa dinâmica, de visão e conhecedor profundo da pessoa humana. Quando projeta e realiza algo, sempre o faz em consideração a pessoa humana; ele faz em busca do bem comum e o reconhecimento da pessoa. Acreditamos que uma pessoa que tem fé tem mais possibilidades de realização. Acreditando nos ideais do presente e do futuro. Essa região foi desenvolvida, cresceu e se desenvolveu, tendo uma aspiração no futuro muito grade tendo em vista esta experiência de fé. É a fé que coloca Deus como princípio das coisas, dos acontecimentos, da própria vida. Como missionário ele (Pe. Celso) deixou sua terra, e veio para uma terra nova – plantar esperança. Araputanga permaneceu estável nos momentos de crises, dentre elas a econômica, enquanto outros municípios não resistiram. Ressalto também um singelo apanhado de suas obras: a Cooperativa e a Faculdade Católica Rainha da Paz. Ele é um homem místico, de fé profunda: acredita no presente e tem esperança de futuro. Homem de oração é um devoto de Nossa Senhora. Ele tem

declarado a mim que Nossa Senhora tem guiado os seus passos, aclarado sua mente na condução dessa comunidade, ela o guia no caminho da fé e da formação da sociedade araputanguense. A força humana dele na idade que tem, vem desta vivencia da sua fé, da sua confiança em Nossa Senhora e do seu amor à vocação sacerdotal. Sem esses três elementos (fé, amor e vocação) não seria possível formar uma cidade assim. Relato de Dom José de Lima, Bispo Emérito de Cáceres, entrevista concedida em 10/08/2011) (Rodrigues e Silva, 2010, p. 110).

A presença constante do Monsenhor nos bairros mais afastados e nas zonas rurais, inclusive a cavalo nos primeiros anos, reforça essa imagem de um líder que se doava integralmente ao seu povo. A missão evangelizadora, portanto, foi também um exercício de cidadania, um esforço contínuo por justiça social e desenvolvimento integral. Sua vida e ação tornaram-se símbolo da capacidade transformadora da fé quando esta se alia ao compromisso com a vida concreta.

Além disso, a missão do Monsenhor Duca trouxe à comunidade uma nova concepção de cidadania, onde os cidadãos eram incentivados a participar ativamente da vida social e política. Ele acreditava que a verdadeira cidadania estava ligada ao engajamento e à responsabilidade coletiva. Esse entendimento fomentou um ambiente em que as pessoas se sentiam parte de um todo, levando à criação de associações e grupos de apoio que ampliavam as ações sociais e comunitárias.

Primeiro Pe. Celso construiu um grande barracão na igrejainha São José, e nós, da comunidade, sempre lutando com ele com muito entusiasmo, fazendo festas. Na construção da Igreja, depois que todo mundo passava o dia ajudando, o Pe. Celso também ajudava carregando pedras, ele celebrava uma missa (final da tarde) debaixo de um pé de bambu para nós. Isso era lá na saída para Jauru e acontecia principalmente aos domingos. Eu vejo o padre Celso, realmente como um representante de Cristo. A sua maneira de agir, é apoiada por nós, pois ele gosta das coisas da forma certa. Faz todo esforço para cumprir aquilo que desconfiou para ele. Se não fosse Cristo ele já teria desanimado. Afinal são trinta e tantos anos, ne?! A experiência de Igreja com Pe. Celso ajudou muito com minha família. Nós nos sentimos mais perto de Deus. Na época da festa da padroeira a

gente trabalha também. A festa é um momento muito importante. É uma festa que acaba e tá todo mundo sossegado, pois não tem confusão. As pessoas vêm das diversas comunidades e voltam felizes para casa. Essa festa anima a nossa fé. Trabalhei muitos anos na catequese, preparação para o batismo, depois com o trabalho apostolado, era um vai aqui e vai ali. Hoje sua ministra da Eucaristia, graças a Deus. E tudo o que estou falando é a realidade daquilo que aconteceu e acontece – Depoimento da Sra. Zilda de Souza Reis Torres em 21/09/2011. (Rodrigues e Silva, 2012, p. 121-122).

Outro aspecto importante a ser destacado é a formação de líderes locais. Através de sua atuação, o Monsenhor promoveu capacitações e treinamentos que permitiram que os membros da comunidade assumissem papéis de liderança. Essa estratégia não apenas fortaleceu a estrutura social, mas também garantiu que a missão continuasse a prosperar, mesmo após a sua partida. A criação de lideranças locais sustentáveis é um dos legados mais significativos de sua obra.

Para mim é um grande líder. Todo ser humano e, desde a história antiga somos movidos por alguma coisa, precisamos de líderes. E, a população de Araputanga tem um líder! Tudo aqui foi feito com a participação desta pessoa que é solidária, cooperativa, empreendedora. Ele é um grande líder. Hoje se temos o desenvolvimento é sem dúvidas por causa da população, mas também por causa de um grande líder: Pe. Celso. [...] vejo uma liderança com um comprometimento fora do comum – Jorge Alexandre em 01/02/2012 (idem).

Ademais, a relação entre a fé e a prática social foi algo que Monsenhor Duca enfatizou ao longo de sua trajetória. Ele sempre trabalhou para que a espiritualidade fosse uma força motriz para ações concretas no cotidiano das pessoas. Essa abordagem holística do evangelho, que integra a espiritualidade à ação social, é um caminho que ainda pode ser explorado por líderes religiosos contemporâneos.

O legado de Monsenhor Duca, falecido em 21 de janeiro de 2022, na cidade de Araputanga (MT), de causas naturais, aos 93 anos, é um exemplo claro de como a missionariedade pode ser um vetor de transformação social. Ao unir fé, educação, saúde e cidadania, ele deixou uma marca indelével na

vida de Araputanga, mostrando que a missão vai além das práticas religiosas e se torna um verdadeiro projeto civilizatório. Sua vida e obra continuam a inspirar gerações, ressaltando a importância de uma fé que se manifesta em ações concretas para o bem da comunidade.

A eclosão religiosa e suas potencialidades em Araputanga

“A força mais potente
do universo é a fé.”

Madre Teresa de Calcutá

A atuação do Monsenhor Ermínio Celso Duca em Araputanga produziu um fenômeno religioso de grande amplitude e profundidade, que pode ser compreendido como uma eclosão religiosa – um despertar coletivo da fé que extrapolou os limites da Igreja institucional e irradiou para todas as esferas da vida social. Essa eclosão não se deu de forma súbita, mas como resultado de um processo histórico e pastoral progressivo, que combinou evangelização, inserção comunitária e formação de lideranças locais. O Monsenhor plantou sementes espirituais e sociais que floresceram em diferentes expressões de religiosidade, ampliando significativamente a presença da Igreja Católica na região.

Essa eclosão teve como características centrais a formação de grupos pastorais, movimentos de base, organizações de leigos, além da intensificação das atividades litúrgicas e devocionais. A religiosidade em Araputanga se fez presente não apenas nos domingos e festas religiosas, mas também no cotidiano das famílias, nas escolas, nos eventos públicos e até mesmo na política local. Como afirma Bosi (1994), a memória coletiva é o solo onde brotam as ações significativas de um povo:

A memória é a tecedura da identidade coletiva, e nela se inscrevem os gestos cotidianos, os ritos e as narrativas que dão sentido à vida social (Bosi, 1994, p. 47).

A partir da liderança de Duca, a comunidade católica não apenas cresceu numericamente, mas se qualificou espiritualmente. Os fiéis foram mo-

tivados a assumir o protagonismo na condução de celebrações, catequeses, grupos de reflexão, obras sociais e campanhas de solidariedade. O Monsenhor entendia que a missão evangelizadora não deveria ser centrada apenas na figura do padre, mas compartilhada com o povo, formando uma Igreja viva, participativa e missionária. Essa perspectiva está em sintonia com o modelo de cristianismo comunitário defendido pelo Concílio Vaticano II e por documentos latino-americanos como Medellín e Puebla.

Além disso, a eclosão religiosa gerou fortes laços de solidariedade e pertencimento comunitário, expressos na organização de mutirões, celebrações conjuntas, festas de padroeira e ações voluntárias em prol dos mais necessitados. A religiosidade deixou de ser apenas um espaço de interioridade e passou a ser um motor de ações concretas, fortalecendo o tecido social da cidade. Como ressalta Magnani (2000), a religiosidade popular, quando legitimada e incentivada, torna-se uma força de mobilização social:

A religiosidade vivida, que emerge dos vínculos familiares, do território e das práticas rituais, é também um espaço de resistência e organização comunitária, um campo onde se elaboram sentidos compartilhados e ações coletivas (Magnani, 2000, p. 56).

É nesse contexto que a figura do Monsenhor Duca adquire uma dimensão simbólica ampliada: ele torna-se mais do que um pastor – é reconhecido como patrimônio moral e espiritual da cidade. Sua memória permanece viva nos nomes de ruas, em monumentos, nas orações e nas narrativas transmitidas entre gerações. Araputanga passou a se identificar como “terra de fé”, uma cidade cuja identidade foi profundamente moldada por essa experiência religiosa comunitária. A relação com o sagrado passou a informar não apenas os hábitos devocionais, mas os modos de convivência, a linguagem política e a organização do espaço urbano.

Eu fui educado a uma espiritualidade Mariana, de devoção à Nossa Senhora, por isso ela leva a frente as coisas, nem eu acredito, não sei como algumas coisas podem acontecer, é Nossa Senhora que realiza tudo, posso dizer que é algo simples e misterioso ao mesmo tempo – Pe. Celso, 27/10/2010 (Rodrigues e Silva, 2012, p. 133).

A eclosão religiosa, portanto, deve ser interpretada como expressão de uma espiritualidade histórica, enraizada na realidade concreta e impulsionada por uma liderança pastoral sensível, perseverante e profundamente comprometida com o povo. Monsenhor Duca cultivou uma religiosidade viva, dinâmica e transformadora – capaz de articular fé, cultura, justiça e esperança. Seu legado continua gerando frutos, tanto espirituais quanto sociais, fazendo da fé um dos principais fundamentos da vida coletiva em Araputanga.

Se Araputanga não tivesse o Pe. Celso seria muito pacata, sem desenvolvimento. Desde que chegou ele já tinha uma visão muito ampla de desenvolvimento. Trabalhava um lado espiritual que não deixava as pessoas dependentes, ele trabalhou muito o desenvolvimento libertador. Ao mesmo tempo ele trabalha com a fé e o progresso de Araputanga. Temos hoje toda estrutura que é a Coopnoroeste, a Fundação Arco-Íris que desenvolve projetos maravilhosos empregando muito jovens. Ele (Pe. Celso) é um grande diretor espiritual. Tudo que temo como casal foi orientação dele: relação marido e mulher, a criação dos filhos, o espírito cristão pessoal e social. A vida da gente não se move por acaso e ele ajudou muito, com muita solidez. Todas as respostas que satisfazem e nos fazem crescer. Temos um respeito profundo pelo Pe. Celso. É muita fé que infundiu na vida da gente, de todas as pessoas que passaram na vida dele. Sempre tratou e trata a parte religiosa com muita coerência. Um excelente diretor espiritual! – Sra. Sibéria Oliveira da Silva e Sr. Raimundo da Silva. (Entrevista concedida em 30/05/2011) (Rodrigues e Silva, 2012, p. 92-93).

Ademais, a presença do Monsenhor Duca na comunidade refletiu uma abordagem inclusiva que incentivou a participação de todos, independentemente de sua formação ou condição social. Esta inclusão resultou em um ambiente onde as vozes mais silenciadas encontraram espaço para se manifestar, promovendo um diálogo intergeracional que fortaleceu os laços comunitários. O Monsenhor não apenas liderou, mas também escutou e aprendeu com a sabedoria popular, criando um ciclo de aprendizado mútuo que enriqueceu a vivência da fé.

Outro aspecto relevante foi a relação entre a religiosidade e a cultura local. As celebrações religiosas começaram a incorporar elementos da cultu-

ra popular, criando um sentido de pertencimento e identidade que ressoava profundamente com a população. Essa sinergia entre fé e cultura contribuiu para que os rituais não fossem apenas eventos religiosos, mas celebrações da vida comunitária, que uniam as pessoas em torno de tradições e valores compartilhados. Assim foi com a tradicional Festa da Padroeira, Nossa Senhora do Rosário de Fátima que sempre acontece no primeiro final de semana do mês de junho e, com a tradicional Queima do Alho, um evento cultural, uma cavalcada que marca a Rodeio do Município sempre realizado no mês de agosto em que Pe. Celso sempre fazia questão de abrir o desfile montado no seu burrinho.

Segundo o casal Sr. Rezende e D. Creuza, a festa da padroeira sempre fora realizada a partir de doações da comunidade: donativos, leilões e trabalho. Sempre envolveu toda a comunidade, segundo os festeiros de 2011, são cerca de 400 (quatrocentas) pessoas trabalhando para que tudo aconteça perfeitamente. E o Pe. Celso sempre lá, o pastor que marca presença e acompanha em todos os momentos. Atualmente, a Festa está na sua 48ª Edição (2025).

Tem diversas equipes. Quem coordena são os festeiros, junto como padre Celso. Ele participa de todas as reuniões. E o melhor de tudo: a festa só dá certo se ouvir o que ele diz. É um serviço voluntário. Você é voluntário. Em regra, os festeiros são dois casais – Sr. Rezende e D. Creuza. (Rodrigues e Silva, 2012, p. 65)

A gente vê que tem dias que ele tá na missa que não aguentando, mas ele não se entrega. Ele não mão. Ele quer acompanhar tudo... tá presente mesmo (Casal D. Maria Terna e Sr. Ado – festeiros de 2010) (idem).

A eclosão religiosa também trouxe um novo olhar sobre as questões sociais e econômicas enfrentadas pela comunidade. A Igreja, sob a liderança de Duca, começou a se posicionar mais ativamente em relação a problemas como a pobreza, a educação e a saúde, promovendo iniciativas que buscavam não apenas aliviar a dor imediata, mas transformar a realidade social. Essa atuação pastoral comprometida com a justiça social consolidou a imagem da Igreja como um agente de mudança e esperança.

Em consonância com a teologia da integralidade, ensinava que cuidar da alma exige também cuidar do corpo, da vida concreta, dos lares, da saúde, da educação e da dignidade de cada pessoa. Assim, tornou-se um fervoroso incentivador das pastorais sociais, enxergando nelas a presença viva do Cristo que caminha com os pobres e marginalizados. Entre essas ações, destaca-se a atuação vigorosa da Pastoral da Criança, que, por longos anos, acompanhou mulheres em situação de vulnerabilidade, desde o período gestacional até os primeiros anos de vida da criança. Foram realizadas orientações sobre nutrição – como a preparação da multimistura –, cuidados maternos e práticas de solidariedade que ultrapassaram os muros da Igreja, tornando-se um verdadeiro serviço à vida. Como ensina Dom Hélder Câmara: “A pastoral da criança é o jeito da Igreja cuidar da vida desde o seu início, com ternura e compromisso”. Outra iniciativa que traduz o compromisso social do Monsenhor foi o fortalecimento da Pastoral das Cáritas, que até os dias de hoje ampara cerca de 70 famílias da comunidade araputanguense. A Cáritas, sob sua liderança espiritual, promoveu cursos de formação cultural e geração de renda por meio de oficinas de artesanato, culinária e outras expressões de trabalho digno. Essas ações não apenas ofereceram auxílio imediato, mas fomentaram autonomia, cidadania e o florescimento de lideranças sociais e religiosas no seio da comunidade (Pe. Celso Ferreira de Jesus, sucessor do Monsenhor Erminio Celso Duca, 07/07/2025).

Ainda, a formação de grupos de jovens e a promoção de lideranças femininas foram aspectos fundamentais da eclosão religiosa. A juventude, muitas vezes considerada a futura geração da Igreja, encontrou na liderança de Duca um espaço para desenvolver suas habilidades e assumir papéis ativos na comunidade. Da mesma forma, as mulheres, historicamente sub-representadas, começaram a ocupar posições de destaque, contribuindo para uma Igreja mais equitativa e representativa.

Deste modo, Monsenhor Celso não foi apenas um sacerdote que celebrou a fé; foi também um profeta que encarnou a esperança. Sua vida foi expressão concreta do que a Encíclica *Caritas in Veritate* nos ensina: “A caridade é a via mestra da doutrina social da Igreja”. Sua obra permanece,

não apenas nos muros da paróquia, mas nos corações moldados pela fé e transformados pela ação (Pe. Celso Ferreira de Jesus, sucessor do Monsenhor Erminio Celso Duca, 07/07/2025).

O legado deixado por Monsenhor Duca é uma testamentação da capacidade da fé de transformar vidas e comunidades. A eclosão religiosa em Araputanga não apenas revitalizou a espiritualidade local, mas também gerou um movimento social que reverbera até os dias atuais. A fé, ao se entrelaçar com a vida cotidiana, continua a inspirar ações de solidariedade, justiça e amor ao próximo, reafirmando a importância da religiosidade como um componente essencial da identidade coletiva araputanguense.

Conclusão

“As orações de Maria junto à Deus
têm mais poder junto da Majestade
divina que as preces e intercessão de todos
os anjos e santos do Céu e da Terra.”

Santo Agostinho

A trajetória do Monsenhor Ermínio Celso Duca em Araputanga-MT constitui um capítulo singular na história religiosa, política e cultural da região. Ao longo de décadas de dedicação pastoral, ele transformou a missão evangelizadora em um verdadeiro projeto de desenvolvimento humano e social, integrando fé, solidariedade e cidadania. Sua atuação não apenas consolidou o catolicismo no município, mas também mobilizou forças comunitárias e simbólicas capazes de transformar a realidade concreta do povo. A fé, nesse contexto, foi mais do que crença: foi ação, construção coletiva e instrumento de mudança.

A análise desenvolvida ao longo deste artigo revelou que o Monsenhor Duca operou como mediador entre o sagrado e o cotidiano, entre o imaginário popular e a estrutura institucional da Igreja. Sua sensibilidade à religiosidade popular – permeada por expressões simbólicas e mágicas – e sua postura pastoral aberta e participativa permitiram o fortalecimento de laços comunitários, a valorização da cultura local e a consolidação de uma iden-

tidade coletiva centrada em valores cristãos e humanos. Como vimos, a fé promovida por Duca se traduziu em obras sociais, redes de solidariedade, formação de lideranças e um profundo senso de pertencimento à cidade e à Igreja.

Por meio da abordagem qualitativa e interdisciplinar adotada, este estudo demonstrou que a missionariedade do Monsenhor Ermínio Celso Duca não se restringiu à liturgia ou à doutrina, mas assumiu um papel civilizatório, educativo e político. Sua perseverança, sua escuta ativa, sua ação direta junto aos mais vulneráveis e seu compromisso com a justiça social construíram um legado que permanece vivo no imaginário e na prática da população de Araputanga.

Nesse sentido, o legado de Duca dialoga diretamente com os princípios fundamentais dos Direitos Humanos. Sua ação pastoral estava alicerçada na promoção da dignidade da pessoa humana, na defesa do bem comum e na luta contra as desigualdades. Ao fomentar a educação, o acesso à saúde, a organização comunitária e a valorização da cultura local, ele contribuiu de forma concreta para a efetivação de direitos básicos – como o direito à vida, à liberdade religiosa, à educação, à participação e à memória.

A Igreja, sob sua liderança, tornou-se espaço de acolhida, proteção e promoção de direitos. A religiosidade vivida em Araputanga, impulsionada por sua presença, assumiu uma função social emancipadora, dando voz aos excluídos e motivando ações coletivas de transformação. Como tal, este artigo pretende não apenas documentar uma história local, mas também afirmar que a fé, quando praticada com sensibilidade e compromisso social, pode ser uma das mais poderosas ferramentas de garantia e promoção dos Direitos Humanos.

Assim, ao resgatar e analisar o legado do Monsenhor Ermínio Celso Duca, este trabalho convida à reflexão sobre o papel que líderes religiosos e comunidades de fé podem desempenhar na construção de sociedades mais justas, solidárias e humanas. Que a memória do Monsenhor siga iluminando caminhos de esperança, justiça e paz – em Araputanga e além.

Referências

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAMPOS, Luís Henrique Dreher de. *A missão e o progresso: o catolicismo como agente civilizador no interior do Brasil*. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festas religiosas no Brasil: entre o sagrado e o profano*. São Paulo: EdUSP, 2000.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.
- RODRIGUES, Jefferson Antonione. SILVA, Edna Soares da. *Igreja e missionariedade: um legado em Araputanga-MT*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012.
- SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

